

SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO EM ANGOLA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ANGOLANOS¹

Manuel André José²

RESUMO

O presente trabalho aborda o ensino de Sociologia no ensino médio em Angola. A pesquisa que originou este artigo adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, tendo o como objetivo compreender as percepções de estudantes universitários angolanos sobre o ensino da disciplina de Sociologia no nível médio, bem como os impactos dessa experiência em suas trajetórias acadêmicas e formativas. O estudo foi conduzido com estudantes angolanos matriculados na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no campus dos Malês, localizado em São Francisco do Conde (BA). O artigo está organizado em três seções principais. A primeira apresenta um panorama histórico e atual do ensino de Sociologia no ensino médio angolano, com destaque aos avanços e desafios enfrentados. A segunda seção analisa as percepções dos estudantes angolanos sobre essa disciplina, a partir dos dados empíricos reunidos. Por fim, a terceira seção reúne as considerações finais, discutindo os impactos dessas percepções para a valorização da Sociologia e apontando para possíveis caminhos para o seu fortalecimento no ensino médio angolano. O resultado desta pesquisa demonstrou que a Sociologia, apesar de seu potencial formativo e crítico, ainda ocupa um lugar marginal nos currículos escolares, permanecendo como componente opcional e com pouca presença efetiva nos processos pedagógicos em Angola.

Palavras-chave: Sociologia (Ensino Médio); estudantes universitários - Angola; currículos.

ABSTRACT

This article examines the teaching of Sociology in Angolan secondary education. The study adopted a qualitative, exploratory, and descriptive methodology, with the aim of understanding the perceptions of Angolan university students regarding the teaching of Sociology at the secondary level and the impacts of this educational experience on their academic and formative trajectories. The research was conducted with Angolan students enrolled at the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), on the Malês campus, located in São Francisco do Conde, Bahia, Brazil. The article is structured into three main sections. The first provides a historical and contemporary overview of Sociology teaching in Angolan secondary schools, highlighting key advancements and ongoing challenges. The second section analyzes students' perceptions of the subject, drawing from empirical data collected during the study. The final section presents concluding reflections, discussing how these perceptions influence the value attributed to Sociology and suggesting possible strategies to strengthen its role within Angolan secondary education. The findings reveal that, despite its potential to foster critical and formative thinking, Sociology continues to occupy a marginal space in school curricula, remaining an optional subject with limited integration into pedagogical practices.

Keywords: Sociology (High School); university students - Angola; curricula.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros.

² Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Sociologia desempenha um papel fundamental na formação de sujeitos críticos, aptos a compreender e intervir nas dinâmicas sociais, tanto em contextos locais quanto globais. De acordo com Candiengue (2023), a Sociologia caracteriza-se por sua natureza inquieta e por sua capacidade de provocar reflexões críticas sobre a sociedade. Seu principal objetivo reside na problematização, investigação e explicitação das estruturas subjacentes que organizam a vida social, oferecendo instrumentos analíticos para a compreensão de conflitos, desigualdades e relações de poder. Não obstante, esse caráter crítico tem, historicamente, provocado resistências, especialmente em sociedades que buscam controlar a produção do conhecimento.

No contexto angolano, tais resistências tornaram-se particularmente evidentes durante o período colonial, quando a educação foi utilizada como um instrumento de dominação. Segundo Santos e Emídio (2023 *apud* Liberato, 2014), o sistema educacional imposto pelos portugueses limitava o acesso dos angolanos ao conhecimento, restringindo os conteúdos ensinados à alfabetização básica e à cultura portuguesa, com a proibição do uso das línguas nacionais. Esse modelo tinha como objetivo formar uma elite assimilada, sem permitir o desenvolvimento de um pensamento crítico que pudesse desafiar o regime colonial. Nesse cenário, a Sociologia era percebida como uma ameaça, na medida em que suas análises poderiam expor as contradições e violências do sistema colonial.

Com a independência de Angola, em 1975, esperava-se que a educação passasse por uma profunda reformulação. No entanto, o novo cenário político não favoreceu imediatamente a reinserção da Sociologia nos currículos escolares. Conforme argumenta Manuel (2016), a disciplina continuou a ser tratada com desconfiança, sendo excluída tanto do ensino médio como do ensino superior entre 1975 e 1992. A reforma educacional de 1978, pautada pelo marxismo-leninismo, enfatizava a escolarização da população dentro de um modelo que via o Estado como o principal educador. Nesse contexto, a Sociologia era considerada um campo que poderia entrar em conflito com o projeto de construção de uma sociedade socialista, razão pela qual permaneceu ausente do currículo educacional durante quase duas décadas.

A reinserção da Sociologia no ensino superior ocorreu apenas na década de 1990, com a introdução de disciplinas como "Introdução à Sociologia Geral" e "Sociologia da Educação", ofertadas nos cursos de Ciências Sociais da Educação em Luanda a partir de 1993 (Moraes, 2016). Desde então, a disciplina começou a ganhar espaço, com a criação de cursos específicos na Universidade Jean Piaget e na Faculdade de Letras e Ciências Sociais. A fundação da

Sociedade Angolana de Sociologia (SASO), em 1993, e da Revista Angola de Sociologia (RAS), em 2008, também contribuíram para a consolidação da Sociologia no país (Mwender; Rower, 2019). Apesar desses avanços, Manuel (2016) ressalta que a Sociologia ainda enfrenta desafios significativos em Angola, particularmente no que diz respeito à sua presença no ensino médio e à sua aceitação pelas elites políticas e educacionais.

Diante desse cenário, por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, neste artigo são analisadas as percepções de estudantes angolanos em intercâmbio no Brasil acerca do ensino de Sociologia no ensino médio no seu país natal e como suas experiências influenciaram suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Considerando que a Sociologia é uma disciplina com elevado potencial crítico, torna-se relevante compreender como eventuais resistências em contextos escolares podem afetar sua efetividade e influenciar as escolhas educacionais e profissionais dos jovens.

A questão norteadora deste estudo é: Quais são as percepções de estudantes universitários angolanos sobre o ensino de Sociologia no ensino médio e como essas experiências influenciaram suas trajetórias acadêmicas e profissionais? Para respondê-la, foi adotada uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório, conforme definição de Gil (1997), que destaca que esse tipo de investigação busca aprofundar a compreensão sobre um fenômeno social e torná-lo mais explícito.

O artigo está organizado em três partes. A primeira apresenta um panorama histórico e atual do ensino de Sociologia no ensino médio angolano, com destaque aos avanços e desafios enfrentados. A segunda parte apresenta os procedimentos metodológicos adotados e traça um perfil dos estudantes participantes da pesquisa. Por fim, a terceira parte analisa as percepções dos estudantes angolanos sobre essa disciplina a partir dos dados empíricos reunidos e discute os impactos dessas percepções para a valorização da Sociologia, apontando para possíveis caminhos para o seu fortalecimento no ensino médio angolano.

2 SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO EM ANGOLA

A introdução da disciplina de Sociologia no ensino médio em Angola tem sido marcada por altos e baixos. Assim como em outras sociedades, o caráter crítico da Sociologia gerou resistências institucionais e políticas, o que dificultou sua consolidação como componente curricular. Conforme aponta Manuel (2016), a Sociologia foi implementada no sistema de

ensino angolano durante a Segunda República³, período que deu início à segunda reforma educativa do país. Tal reforma veio pôr fim à reforma de 1978, que havia sucedido ao sistema de ensino colonial e imposto a supressão da disciplina Sociologia do currículo do ensino médio em Angola.

De acordo com o Ministério da Educação (MED, 2010), a segunda reforma educativa foi concebida com o objetivo de ampliar a rede escolar, promover a equidade, melhorar a qualidade do ensino e reforçar o sistema educacional nacional, tendo em vista o insucesso das metas estabelecidas na primeira reforma. A promulgação da Lei de Bases do Sistema de Educação (LBSE), Lei n.º 13/01, de 31 de dezembro, marcou a transição do Antigo Modelo de Sistema de Educação (AMSE), instituído em 1978, para o Novo Modelo de Sistema de Educação (NMSE):

Com a aprovação da Lei de Bases do Sistema de Educação (LBSE), Lei 13/01 de 31 de Dezembro, o país passou a viver uma etapa de transição do Antigo Modelo de Sistema de Educação (AMSE) implementado a partir de 1978, para o Novo Modelo de Sistema de Educação (NMSE) (MED, 2010, p. 4).

No âmbito dessa reforma, ocorreram mudanças estruturais significativas, entre elas, a ampliação das áreas de conhecimento no 2º ciclo do ensino secundário geral, que passou a contar com quatro eixos: Ciências Físicas e Biológicas, Ciências Económico-Jurídicas, Ciências Humanas e Artes Visuais. Neste mesmo período, disciplinas adicionais foram incorporadas como componentes opcionais em todas as áreas do ensino secundário, incluindo a Sociologia:

Inclusão de disciplinas opcionais em todas as áreas do 2.º Ciclo do Ensino Secundário – Geral a saber:
Geometria Descritiva (áreas de Ciências Físicas e Biológicas), Sociologia (todas as áreas), Psicologia (todas as áreas), Antropologia (áreas económico-jurídica e humanas) e Desenvolvimento Económico e Social (área de Ciências humanas).
Disciplinas com alargamento para mais classes: Filosofia – 11.ª e 12.ª classe (no sistema vigente, leccionava-se apenas no primeiro ano dos cursos de Ciências Exactas e Ciências Sociais) (MED, 2010, p. 8-9).

A partir da implementação da segunda reforma educativa, em 2001, a Sociologia voltou a figurar nos currículos do ensino médio em Angola, ainda que de forma opcional. De acordo a Lei de Bases do Sistema de Educação de Angola, em seu artigo 31º, o ensino médio corresponde ao segundo ciclo do ensino secundário, abrangendo a 10ª, 11ª, 12ª e 13ª classes, a serem

³ Segunda republica é o período que começou em 1992 após a realização das eleições gerais em 1991 e terminou 2008 com a realização das eleições parlamentares em Angola.

cursadas num período de três a quatro anos por estudantes com idade mínima de 15 anos. Apesar de sua reintrodução, Sociologia não está presente em todos os cursos do ensino médio, sendo ofertada no Ensino Médio Pré-universitário (PUNIV)⁴ e nos cursos de Ciências Físicas e Biológicas, Ciências Económicas-Jurídicas, Ciências Humanas e Artes Visuais.

Quadro 1 - Áreas disciplinares do Ensino Secundário (2º Ciclo)

ÁREAS DISCIPLINARES Ensino Secundário – 2º Ciclo	
Agrupamento	Áreas disciplinares
Ciências Físicas e Biológicas	Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Filosofia, Educação Física, Matemática, Informática Específicas: Física, Química, Biologia, Geologia Opcional: Psicologia, Sociologia, Geometria Descritiva
Artes Visuais	Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Filosofia, Educação Física, Matemática, Informática Específicas: Desenho, Teoria e Prática do Design, Geometria Descritiva, História das Artes, Técnica de Expressão Artística Opcional: Psicologia, Sociologia
Ciências Económico-Jurídicas	Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Filosofia, Educação Física, Matemática, Informática Específicas: Introdução ao Direito, Introdução à Economia, História, Geografia, Desenvolvimento Económico Social Opcional: Psicologia, Sociologia, Antropologia
Ciências Humanas	Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Filosofia, Educação Física, Matemática, Informática Específicas: Língua Estrangeira, História, Geografia, Literatura Opcional: Psicologia, Sociologia, Desenvolvimento Económico e Social

Fonte: REAeduca - Revista de Educação para o Século XXI, 2017.

Em contraste com o contexto brasileiro, no qual a reforma educativa tornou obrigatória a inclusão da Sociologia no currículo escolar do ensino médio a partir da lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996 com o intuito de fortalecer a formação crítica e cidadã dos estudantes, a realidade angolana seguiu uma trajetória distinta. No processo de reforma educacional, diversos cursos foram extintos ou reformulados, e disciplinas como Sociologia e Psicologia deixaram de ser obrigatórias, passando à condição de opcionais. Entre essas duas, a Psicologia obteve maior espaço, possivelmente devido à sua maior visibilidade social

⁴ O Ensino Médio Pré-universitário (PUNIV) tem uma duração de três anos e vai da 10ª à 12ª classe, tendo como objetivo preparar o aluno e dotá-lo de uma formação sólida para ingressar diretamente no ensino superior.

(Mwende; Rower, 2019).

Atualmente, em Angola, vive-se o período da terceira reforma educativa, implementada em 2016. Apesar das transformações propostas, a Sociologia continua a enfrentar vários desafios. Permanece como disciplina opcional e os conteúdos dos materiais didáticos são produzidos fora do continente africano. Desse modo,

O livro didático de Sociologia utilizado no ensino secundário em Angola, não foi produzido pelos autores locais, o que nos leva a dizer que apesar dos avanços de uma Sociologia local ainda é “colonizada”. O livro utilizado em Angola é Sociologia Geral da autora brasileira Eva Maria Lakatos. O que tenciona entre a possibilidade de uma ciência sociológica local e um ensino de Sociologia colonizado (Siga, 2017, p. 16).

A falta de incentivo institucional à valorização da Sociologia tem contribuído para o afastamento de profissionais da área acadêmica. Muitos sociólogos dedicam-se a outras atividades, com pouco envolvimento na produção científica. Moma (2016) aponta que o desinteresse de professores e estudantes em relação à disciplina está associado a múltiplos fatores, entre os quais:

A falta de manuais de Sociologia (da autoria de nossos sociólogos);
A incompatibilidade dos programas curriculares em relação a carga horária das instituições do ensino médio;
A inexistência da disciplina de Sociologia em certas instituições e curso do ensino médio;
Por fim, o reduzido número de aulas práticas nas escolas de aplicação (Moma, 2016, p. 48).

Siga (2017) complementa essa análise ao afirmar que o ensino de Sociologia em alguns países africanos, como Angola e Cabo Verde, e mesmo em países como o Brasil, continua marcado por um viés eurocêntrico e colonizado, principalmente na forma como são apresentados os conhecimentos sociológicos e na escolha de materiais didáticos. A presença hegemônica de autores europeus nos livros utilizados revela uma estrutura de produção e circulação do conhecimento que negligencia contribuições locais. Embora não proponha a rejeição da Sociologia ocidental, o autor defende a incorporação de saberes locais nos currículos, de modo a tornar o ensino mais significativo para os estudantes e conectado com suas realidades.

A continuidade de um modelo pedagógico centrado em perspectivas eurocêntricas compromete o papel da Sociologia na formação crítica dos estudantes, pois distanciam-nos de conteúdos que dialoguem com suas vivências. A superação desse cenário requer a descentralização do conhecimento e o engajamento de autores locais no processo de construção

curricular. Para isso, é fundamental investir na formação docente e na produção de materiais que reflitam as realidades africanas, promovendo uma Sociologia situada e comprometida com a transformação social. Antônio e Pereira (2024) sugerem a promoção de diálogo e a conscientização da população como estratégias para que ela se torne participante neste processo. Ademais, defendem a revisão das metodologias adotadas por professores angolanos que ainda reproduzem práticas autoritárias, características do modelo educativo que abriga uma educação bancária, criticada por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1968).

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Para análise dos dados empíricos produzidos, recorreremos à análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que a define como um conjunto de técnicas de tratamento de dados qualitativos cuja finalidade é a inferência de sentidos, por meio de um processo sistemático, objetivo e comunicável. O processo analítico foi realizado em três fases principais:

a) Pré-análise

Nesta etapa inicial, realizou-se uma leitura exaustiva de todo o *corpus* textual (respostas aos questionários e transcrições das entrevistas), com o objetivo de promover uma imersão no material empírico e identificar elementos de interesse vinculados aos objetivos do estudo. Também foram selecionados os documentos a serem analisados e estabelecidos os critérios para a constituição do *corpus*, com ênfase em manifestações que expressassem juízos de valor, experiências formativas e avaliações sobre a disciplina de Sociologia no ensino médio.

b) Exploração do material

Nessa fase, procedeu-se à codificação das unidades de registro, adotando como critério central os enunciados com valor semântico explícito relacionados ao objeto da pesquisa (e.g., percepções sobre carga horária, conteúdos, metodologias e efeitos formativos da disciplina). A seguir, foram construídas as unidades de contexto, ou seja, os trechos ampliados de discurso nos quais se inseriam as unidades de registro, de modo a preservar o sentido integral das falas. Com base nesse trabalho, emergiram quatro categorias temáticas centrais, consideradas representativas dos eixos de análise definidos:

- Experiência dos estudantes com a disciplina de Sociologia
- Metodologias e conteúdos abordados

- Propostas de melhoria para o ensino da disciplina
- Sociologia na formação crítica dos estudantes

As categorias foram definidas de maneira mista, articulando elementos *a priori*, fundamentados nos objetivos, na revisão de literatura e categorias que surgiram durante a leitura e codificação do material empírico.

c) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação

A última etapa consistiu na interpretação das categorias e subcategorias identificadas, articulando os dados aos referenciais teóricos adotados. As inferências foram construídas à luz das contribuições de autores como Candiengue (2023), Moma (2016), Freire (1987), Siga (2017), entre outros, promovendo uma análise crítica das condições institucionais, pedagógicas e epistemológicas que moldam o ensino de Sociologia no ensino médio angolano.

Os resultados foram discutidos com base nas regularidades e contrastes encontrados nas falas dos estudantes, buscando-se compreender os sentidos atribuídos à disciplina, seus efeitos formativos e as tensões entre currículo prescrito e currículo praticado. Essa abordagem permitiu a identificação de fragilidades no ensino da disciplina e a valorização das sugestões e experiências dos sujeitos da pesquisa como subsídios para propostas de reestruturação curricular.

Os dados utilizados para a construção do perfil dos estudantes foram produzidos por meio da aplicação de um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas, respondido por 45 estudantes angolanos vinculados à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, localizada em São Francisco do Conde, Bahia, Brasil. Adicionalmente, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas para o aprofundamento da nossa pesquisa. Os depoimentos estão identificados por códigos numéricos (Estudante 1, Estudante 2, etc.), de modo a preservar a identidade dos participantes.

O grupo de participantes é composto predominantemente por jovens adultos. Do total, 97,8% têm entre 20 e 29 anos e apenas 2,2% situam-se na faixa dos 30 a 39 anos. Quanto ao sexo, 57,8% dos estudantes se identificaram como do sexo masculino, enquanto 42,2% como do sexo feminino. A maioria dos respondentes cursou áreas de Humanidades, Letras ou Ciências Sociais na UNILAB.

Em Angola, de acordo com o Anuário Estatístico da Educação 2022/2023 produzido pelo Ministério da Educação, o número de matriculados no ensino médio foi de 959.564

estudantes, deste número, 526.095 representando, ou 54,8%, são do sexo masculino e 433.469, ou 45,2%, são do sexo feminino. Tais dados demonstram uma grande presença masculina em relação à feminina no ensino médio angolano, o que também influencia o número de estudantes que ingressam ao ensino superior. Esses dados reforçam os achados da nossa pesquisa, em que também há um número superior de estudantes do sexo masculino em relação ao de estudantes do sexo feminino participantes.

4 EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES COM A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Dos 45 estudantes que responderam ao questionário, 71,1% afirmaram não ter cursado a disciplina de Sociologia durante o ensino médio, ao passo que apenas 28,9% a cursaram. Esse dado confirma o caráter optativo da disciplina no sistema educacional angolano e revela sua baixa incidência nos currículos escolares. Mesmo entre os cursos em que a disciplina está prevista, como Ciências Físicas e Biológicas, Ciências Económico-Jurídicas e Ciências Humanas, houve estudantes que relataram não ter tido acesso à disciplina. A Sociologia ainda é considerada uma disciplina que desperta um pensamento crítico e interventivo aos jovens. Analisando a realidade angolana, que se encontra sob um regime que, de acordo com Fernando Júnior Adão António e Paula Graciano Pereira (2024, p. 15), “[...] edificou a cultura opressora dentro do sistema de ensino angolano, consolidando uma educação com viés político-partidário, já que o que se pretende com essa perspectiva educacional era/é formar cidadãos alienados e não críticos, [...]”.

Entre os estudantes que declararam ter cursado Sociologia no ensino médio, muitos mencionaram o número reduzido de aulas semanais como fator que contribuiu para o desinteresse. Cerca de 53,8% relataram ter tido apenas uma aula semanal da disciplina, 38,5% indicaram duas aulas, e apenas 7,7% afirmaram ter tido três aulas semanais. Esse dado reforça o argumento de que a carga horária reduzida compromete o aprofundamento e o engajamento dos estudantes. O pouco tempo dedicado a disciplina comprometeu o interesse dos estudantes, dificultando o seu aprendizado de uma forma mais significativa. Além disso, as metodologias utilizadas na maioria das aulas tinham como foco a transmissão de conteúdo de forma mecânica, não estimulando o pensamento crítico e a participação ativa.

As metodologias pedagógicas utilizadas foram majoritariamente tradicionais, com predomínio de aulas expositivas — conforme afirmado por 46,2% dos respondentes em detrimento de estratégias participativas como debates e discussões em grupo (38,5%). Esse

cenário remete à crítica de Paulo Freire (1987), sobre a “educação bancária”, na qual o educador transmite conteúdos aos estudantes sem promover sua participação ativa no processo de construção do conhecimento. Segundo o pensador, no processo de ensino-aprendizagem é fundamental que o educador crie condições para que o educando tenha a liberdade de fazer parte deste processo, estimulando o diálogo e a criatividade.

Outro fator que também provocou o desinteresse dos estudantes foi a abordagem de conteúdos voltados às experiências ocidentais. Assim, autores como Max Weber, Durkheim, Karl Marx e outros pensadores ocidentais têm tido mais destaques em relação a sociólogos angolanos como Maria de Encarnação Pimenta, Laurindo Vieira, Vitor Cajibanga, entre outros.

Do exposto, verificou-se que a maioria dos estudantes não teve acesso à disciplina no ensino médio. Entre os que a cursaram, muitos mencionaram o caráter descritivo e repetitivo das aulas, sem articulação com a vivência local.

5 CONTEÚDOS, METODOLOGIA DE ENSINO E SUAS REPERCUSSÕES NA FORMAÇÃO DISCENTE

Quando questionados sobre os conteúdos estudados na disciplina, os estudantes mencionaram temas como socialização, estratificação social, diversidade cultural, delinquência juvenil e autores clássicos como Durkheim, Weber e Marx. No entanto, não foram citados autores angolanos ou africanos contemporâneos, o que evidencia a centralidade do pensamento sociológico eurocêntrico nos materiais didáticos utilizados. Essa constatação dialoga com a crítica de Siga (2017), para quem o ensino da Sociologia em Angola permanece colonizado, tanto nos conteúdos como nas abordagens.

Para os estudantes, o ensino de Sociologia no ensino médio em Angola possui um caráter mais descritivo do que crítico, pois, embora a disciplina tenha o potencial de levar os estudantes a refletirem sobre a realidade local, ela tem tido pouca ação efetiva no desenvolvimento da criticidade entre os jovens. Como pontuado por um dos entrevistados:

“Não lembro de um exemplo em que a Sociologia me ajudou dentro ou fora da escola porque embora você estude classes sociais, o ensino que aprendi era mais histórico” (Estudante 1).

Os relatos evidenciam que quando a metodologia utilizada pelos professores se resumia a aulas expositivas, sem que houvesse debates e discussões envolvendo os estudantes, eles se

sentiam menos estimulados e, segundo eles, tal fato influenciou a forma como percebem a disciplina. Quando questionados se este tipo de metodologia lhes preparou para compreender os conteúdos de Sociologia no ensino superior, 76,9% dos estudantes responderam negativamente e declaram que, ao ingressarem no ensino superior, tiveram dificuldades em compreender determinados assuntos devido à forma como foram ensinados no ensino médio. Conforme comentou um estudante,

Não foi uma experiência agradável, porque a minha professora era cubana, então as aulas dela eram muito sistemáticas. Confesso que não gostava de Sociologia. Foi aqui na UNILAB que aprendi a gostar, porque percebi que a Sociologia vai muito além dos rótulos que são apresentados (Estudante 2).

Tais depoimentos revelam que a formação crítica, esperada da disciplina, foi prejudicada tanto pelas práticas pedagógicas adotadas como pelos conteúdos desvinculados da realidade angolana. O ensino foi caracterizado por metodologias centradas na exposição oral e uso de livros didáticos com viés eurocêntrico. Foram raras as menções a autores africanos, o que reforça o distanciamento entre conteúdo e contexto sociocultural.

Ao comparar a realidade educacional de Angola com a de outros países africanos, Siga (2017) destaca o caso da Guiné-Bissau, onde os professores exercem certa liberdade na produção de seus próprios materiais didáticos. No entanto, essa autonomia ocorre, sobretudo, em decorrência da carência desses recursos, o que evidencia uma lacuna estrutural no sistema educacional. Em Cabo Verde, por sua vez, observa-se uma situação semelhante à angolana: os materiais didáticos utilizados na disciplina de Sociologia ainda se fundamentam majoritariamente em autores ocidentais, o que perpetua uma perspectiva eurocêntrica na abordagem dos conteúdos. Diante desse panorama, o autor argumenta que a permanência de uma forte dependência do pensamento ocidental nos sistemas de ensino constitui um problema recorrente em diversos países do continente africano. Diante deste contexto, é imprescindível repensar a forma como a disciplina de Sociologia tem sido ministrada nas escolas, de modo que ela cumpra efetivamente sua função formativa. A construção de currículos alinhados às realidades locais poderá fomentar uma educação crítica, que prepare os estudantes para compreender os fenômenos sociais de suas próprias comunidades, além de questionar e propor soluções para os desafios que enfrentam. A partir do exposto, podemos concluir que a superação da dependência dos currículos de matriz colonial revela-se fundamental para o fortalecimento de uma educação africana autônoma e contextualizada.

6 MELHORIA DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: OPINIÕES DOS ESTUDANTES

A análise das experiências relatadas por estudantes universitários angolanos no Brasil evidencia um descontentamento em relação à forma como a disciplina de Sociologia é ofertada no ensino médio em Angola. Muitos desses estudantes consideram que poderiam ter desenvolvido um conhecimento sociológico mais sólido, caso a disciplina fosse ensinada de maneira adequada e considerada como componente curricular prioritário.

Nesse sentido, Gola (2023) afirma que:

A implementação da Sociologia como disciplina obrigatória no ensino médio em Angola, pode permitir-nos refletir sobre o contributo dos conhecimentos sociológicos no ensino médio, uma vez que é uma disciplina que está relacionada com a produção de conhecimentos locais, que devem ser considerados com base na realidade em que os indivíduos estão inseridos (Gola, 2023, p. 6).

Complementando a perspectiva de Gola (*Op. cit.*), Candengue (2023) observa que a Sociologia permanece como disciplina optativa nas escolas de ensino médio em Angola, sendo sua inclusão curricular condicionada à decisão dos gestores escolares. Estes, frequentemente, agem mais como representantes de interesses políticos do que como agentes comprometidos com a formação crítica dos estudantes. Para o autor, essa postura revela o desinteresse do Estado em fomentar o ensino da Sociologia como instrumento de estímulo ao pensamento crítico, comprometendo, assim, o potencial emancipador da educação. A ausência de mobilização dos próprios sociólogos e professores angolanos para reverter essa marginalização da disciplina agrava o problema, enfraquecendo ainda mais o impacto social da Sociologia no contexto nacional.

Ao refletirem sobre suas trajetórias acadêmicas, agora à luz da formação sociológica vivenciada no ensino superior, os estudantes participantes da pesquisa indicam diversas propostas para a melhoria do ensino de Sociologia no ensino médio angolano. Entre as principais sugestões, destacam-se:

- Investimento na formação docente específica em Sociologia, assegurando que professores estejam devidamente capacitados para o ensino crítico e contextualizado da disciplina;
- Tornar a Sociologia uma disciplina obrigatória em todos os cursos do ensino médio;
- Valorizar a produção intelectual de sociólogos angolanos e africanos,

incorporando conteúdos que abordem criticamente a realidade sociopolítica e cultural do continente;

- Organizar palestras e eventos extracurriculares que reforcem a importância da Sociologia na compreensão da sociedade, despertando o interesse dos alunos desde o ensino médio;
- Promover debates temáticos sobre igualdade, cidadania, direitos humanos, cultura angolana e fenômenos sociais, estimulando a reflexão crítica e a construção da consciência social.

Ademais, os relatos dos estudantes expressam uma preocupação recorrente com o distanciamento dos conteúdos ministrados em Sociologia em relação à realidade angolana. Como bem pontua a Estudante 3:

Questões sociais relacionadas aos povos tradicionais de Angola; cultura; pautas relacionadas à política; construção da identidade do sujeito angolano, para entender como ela se dá em meio a tantas dificuldades que o povo enfrenta atualmente; apresentar 'cases' nas avaliações que tenham relação com o cotidiano angolano..., ou seja, assuntos práticos que estejam ligados à vivência diária do angolano. E não assuntos que, muitas vezes, não dizem nada sobre nós (Estudante 3).

Para mitigar essa situação, Moma (2016) propõe a criação de três tipos de currículos para o ensino de Sociologia:

- O **currículo tradicional ou local**, elaborado por educadores que conhecem as realidades socioculturais de sua comunidade, refletindo seus contextos específicos;
- O **currículo moderno ou universal**, que abrange questões políticas, sociais, econômicas e culturais em escala global, incentivando análises mais amplas;
- O **currículo dialético ou intermediário**, que estabelece um equilíbrio entre os currículos local e universal, conectando conhecimentos regionais às discussões globais e proporcionando uma visão ampliada da realidade.

A proposta de Moma (2016) converge com as reivindicações dos estudantes ao enfatizar a necessidade de currículos que promovam o estudo e a análise crítica da realidade angolana. Trata-se de tornar educadores, estudantes e a comunidade agentes ativos na elaboração dos conteúdos, de modo que o ensino da Sociologia se torne um instrumento prático para a compreensão e a transformação social.

Assim, as representações dos estudantes universitários angolanos sobre suas

experiências educacionais reforçam a urgência de uma reestruturação curricular no ensino médio em Angola, capaz de priorizar conteúdos e abordagens que dialoguem diretamente com os desafios locais. Embora o contato com realidades externas seja importante, é imperativo que a formação sociológica esteja, antes de tudo, enraizada na vivência, nas lutas e nas aspirações do povo angolano.

7 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO ANGOLANO: ENTRE A FORMAÇÃO CRÍTICA E OS DESAFIOS CURRICULARES

Os dados obtidos na pesquisa evidenciam que a disciplina de Sociologia no ensino médio em Angola tem suscitado opiniões divergentes entre os estudantes, especialmente no que diz respeito à sua contribuição para a formação de um pensamento crítico. Diante das percepções coletadas, emergiu a seguinte indagação central: em que medida a disciplina de Sociologia, no contexto do ensino médio angolano, tem efetivamente contribuído para a formação de cidadãos críticos?

As respostas dos estudantes revelaram percepções variadas. Uma parcela dos participantes relatou que a disciplina desempenhou um papel relevante no desenvolvimento do pensamento crítico, sobretudo em relação a temáticas como desigualdade social, política e cultura. Por outro lado, outro grupo de estudantes considerou que o ensino da Sociologia ocorreu de forma superficial, o que limitou significativamente sua contribuição para uma formação crítica mais robusta. Essa divergência de opiniões evidencia um descompasso nas metodologias de ensino adotadas na condução da disciplina.

Adicionalmente, foi identificada uma lacuna significativa quanto ao conhecimento prévio sobre a disciplina por parte de alguns estudantes. Mesmo tendo cursado Sociologia no ensino médio, muitos afirmaram desconhecer seus objetivos e potenciais contribuições para sua formação educacional, especialmente antes de ingressarem no ensino superior. Tal constatação aponta para um problema estrutural no sistema educacional angolano, refletido não apenas na forma como a disciplina é ofertada, como também na formação docente. Verificou-se que os professores, em muitos casos, restringem-se à abordagem histórica da constituição do campo disciplinar, sem promover reflexões sobre a aplicabilidade do pensamento sociológico na análise das realidades locais. Esse distanciamento entre o conteúdo programático e o contexto vivenciado pelos estudantes contribui para a perda de interesse pela disciplina e limita seu potencial formativo.

Neste sentido, torna-se necessário reavaliar o papel da disciplina de Sociologia nos currículos do ensino médio em Angola. Para que isso se concretize, é imperativo que haja uma valorização efetiva da disciplina, por meio da adaptação dos conteúdos e das metodologias às realidades socioculturais dos estudantes. A formação crítica é essencial para que esses sujeitos possam participar de maneira ativa e reflexiva no desenvolvimento das sociedades em que estão inseridos.

Durante a realização da pesquisa, foi constatado que muitos estudantes enfrentaram dificuldades no acompanhamento da disciplina de Sociologia no ensino superior, as quais foram atribuídas à ausência de uma base sólida durante o ensino médio. Tal constatação reforça a necessidade de reformulação dos currículos, com vistas a aproximar a disciplina das vivências cotidianas dos estudantes e potencializar seu impacto na formação acadêmica. Essa transformação requer, necessariamente, uma mudança no paradigma educacional vigente em Angola, a partir da institucionalização da disciplina como componente curricular obrigatório e da participação ativa de professores e estudantes no processo de elaboração de um novo currículo.

A análise do material empírico permite concluir que a disciplina de Sociologia ocupa, atualmente, uma posição marginal no ensino médio angolano. Sua incidência curricular é limitada, as metodologias de ensino adotadas tendem a ser pouco participativas e os conteúdos, frequentemente, se apresentam desconectados das realidades locais. Esses achados reforçam a urgência de se valorizar a disciplina, garantindo sua institucionalização como componente obrigatório, promovendo a reformulação curricular e incorporando práticas pedagógicas e conteúdos que incentivem o pensamento crítico e fortaleçam a identidade sociocultural angolana. A análise também evidencia que os estudantes reconhecem o caráter emancipador da Sociologia e demandam transformações estruturais que viabilizem sua contribuição efetiva para a formação cidadã e para a promoção de mudanças sociais no país.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou, a partir da perspectiva de estudantes universitários angolanos, os desafios enfrentados no ensino de Sociologia no ensino médio em Angola. A pesquisa demonstrou que, apesar do potencial formativo e crítico da disciplina, ela ainda ocupa um lugar marginal nos currículos escolares, permanecendo como componente opcional e com

pouca presença efetiva nos processos pedagógicos. A ausência da disciplina Sociologia em muitos cursos e instituições, aliada à sua oferta esporádica e com carga horária reduzida, compromete significativamente sua função na formação de jovens conscientes e críticos, preparados para compreender e intervir nas dinâmicas sociais de seu país.

As falas dos estudantes revelam que, quando presente, a disciplina é frequentemente ministrada de maneira tradicional, com ênfase na reprodução de conteúdo descontextualizados, majoritariamente ancorados em autores europeus e pouco conectados à realidade angolana. A baixa representatividade de pensadores africanos e angolanos nos materiais didáticos, somada à fragilidade das metodologias empregadas, reforça a crítica de que o ensino da Sociologia, tal como vem sendo praticado, reproduz lógicas colonizadoras, esvaziando seu papel emancipador.

Embora alguns estudantes tenham relatado experiências positivas com a disciplina apenas no ensino superior, a maioria apontou que sua formação no ensino médio foi insuficiente para despertar o interesse ou favorecer o aprofundamento do pensamento sociológico. Isso indica uma grave dissonância entre o que se espera da Sociologia como campo do saber e o que de fato é vivenciado pelos estudantes durante a educação básica, pois a disciplina mostrou-se limitada em sua função de promover o pensamento crítico e a participação cidadã. A ausência de debates, a pouca valorização das experiências dos estudantes e a não problematização das realidades locais comprometeram sua potência formativa.

As contribuições dos estudantes participantes foram fundamentais para demonstrar que há uma demanda explícita por transformações estruturais. Entre as propostas levantadas, destacam-se a obrigatoriedade da disciplina em todos os cursos do ensino médio, a valorização de autores locais, a capacitação contínua dos docentes e a construção de currículos contextualizados que dialoguem com as realidades sociais, culturais e políticas angolanas. A incorporação de práticas pedagógicas mais dialógicas, participativas e críticas foi apontada como condição imprescindível para que a Sociologia cumpra seu papel de formar cidadãos conscientes, éticos e atuantes.

A partir dessas evidências, reafirma-se a importância de uma reforma educacional que contemple a Sociologia como disciplina central na formação escolar. Esses achados corroboram o diagnóstico de uma Sociologia ainda marcada por estruturas colonizadoras, cuja superação exige uma reforma curricular voltada à descolonização do saber e à valorização das epistemologias africanas. Para isto, torna-se indispensável a articulação entre políticas públicas, formação docente, produção de materiais didáticos alternativos e o engajamento dos profissionais da área na defesa de um ensino comprometido com a realidade dos estudantes e com o enfrentamento dos problemas sociais do país.

Assim, a Sociologia no ensino médio angolano não deve ser apenas lembrada como uma possibilidade, mas defendida como uma necessidade formativa. É preciso deslocar o eixo da dependência epistemológica e construir um ensino sociológico enraizado nos contextos africanos, que contribua para a formação de sujeitos capazes de compreender suas condições, propor alternativas e transformar suas realidades.

REFERÊNCIAS

ANTÓNIO, Fernando Júnior Adão; PEREIRA, Paula Graciano. Um breve panorama da educação em Angola nos séculos XX e XXI. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 2, p. 01–20, 2024.

ANGOLA. Ministério da Educação. **Relatório da fase de experimentação do Ensino Primário e do 1º Ciclo do Ensino Secundário**. Luanda, set. 2010. Disponível em: https://sys.portais.gov.ao/uploads/2_indicadores_de_eficaciare4outubro2010_13063782565f5a73fdf1df5_9b88d15dc7.pdf. Acesso em: 1 abr. 2025.

ANGOLA. Instituto Nacional de estatística. **Anuário Estatístico da Educação 2022 / 2023**. Luanda, jan. 2025. Disponível em: https://www.ine.gov.ao/Arquivos/arquivosCarregados//Carregados/Publicacao_638732654035305545.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112289.htm. Acesso em: 6 mar. 2025.

CANDIENGUE, António Domingos. **Sociologia em Angola: perspectivas e construção do pensamento sociológico angolano**. 2023. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, 2023.

DIÁRIO DA REPÚBLICA. **Lei de Base do Sistema de Educação e Ensino nº 32/20, de 12 de agosto de 2020**. Disponível em: https://sys.portais.gov.ao/uploads/13lei_32_20_de_12_de_agosto_lei_de_bases_de_educacao_e_ensino_alteracao_a_lei_17_137004928963237a670211f_16_compressed_28b9365abc.pdf. Acesso em: 1 abr. 2025.

EMÍDIO, Raúl Diogo Jovoli; DOS SANTOS, Maria Priscila Miranda. A educação em Angola no contexto da pós-modernidade. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 7, p. 1556–1585, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLA, Telma Albano. **Política curricular em Angola: Desafios e perspectiva da Sociologia como disciplina nas escolas públicas do ensino médio entre os anos de 2010 a 2020**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) – Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, 2023.

MICHINGI, Kezita Manuela Marcos. **As controvérsias da reforma educativa em Angola: uma análise crítica das percepções dos professores do 1º ciclo do ensino primário**. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.

MANUEL, Adérito. Sociologia como ideologia em Angola. *In: Sociologia, ensino e prática*. [S. l.]: [s. n.], 2016. Livro online.

MOMA, Guilherme Mateus. O impacto da Sociologia no sistema de ensino: teoria e prática. *In: Sociologia, ensino e prática*. [S. l.]: [s. n.], 2016. Livro online.

MWENDE, Celeste Silvia Vuap; RÖWER, Joana Elisa. Ensino de Sociologia nos países da CPLP. **Revista Café com Sociologia**, v. 8, n. 1, p. 48–65, 2019. Acesso em: 20 set. 2024.

NOBRE, Ana et al. Sistemas de ensino: Portugal, Cabo Verde, Angola, Moçambique e Brasil. **REAeduca – Revista de Educação para o Século XXI**, 2017.

SIGA, Fernando. **O ensino de Sociologia nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e Brasil: livros didáticos e descolonização epistêmica**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) – Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Redenção, CE, 2017.